Mascarados no salão

RUY CASTRO *

Nelson Rodrigues costumava dizer que nada mais obsceno do que o rosto. "Do pescoço para baixo, podia-se andar nu", diz um dos personagens do seu grande romance *Asfalto selvagem*. Deve ter sido a consciência dessa obscenidade que fez com que os seqüestradores de um industrial capixaba na estrada Rio-Teresópolis, domingo último, tivessem a idéia de se mascarar para praticar o crime. E este, já por si obsceno, teve uma característica que o tornou impróprio para menores: eles usavam máscaras de PC Farias.

Claro que os seqüestradores se mascararam para não ser identificados, mas isso é um detalhe. O importante foi a escolha da máscara. Tivessem se mascarado de Robin Hood, Arsêno Lupin ou Ronald Biggs (ladrões de reputação internacional e inspiradores de respeitáveis fãs-clubes), o efeito não seria tão simbólico. Ao se decidir pelas máscaras de PC Farias (sem dúvida, *left-overs* do último Carnaval), eles quiseram acrescentar o deboche à ofensa; ungido, com justiça, padroeiro de todos os ladrões do Brasil, PC é o único que por enquanto está preso. Toda uma legião de seus seguidores continuam circulando alegremente pelos corredores públicos e privados. Ao homenageá-lo, os bandidos quiseram dizer-lhe que ficas-

se tranqüilo, que a sua tocha passa de mão em mão: continua-se roubando.

Os eternos insatisfeitos poderão dizer que os seqüestradores ousaram pouco. Tivessem se mascarado de João Alves, o resultado seria muito mais espetacular. Através de João Alves, os criminosos estariam homenageando por tabela os demais anões do Congresso — por sinal, todos ainda à solta. Se eles preferiram PC a

João Alves, não deve ter sido por falta do material deste último: inúmeras máscaras do deputado baiano também sobraram do Carnaval, e é duvidoso que elas ainda tenham serventia no próximo Carnaval. Porque, se há uma certeza neste país, é a de que João Alves terá a cabeça cortada — nem que seja para salvar a dos outros anões. Para efeitos práticos, no entanto, máscaras de João Alves talvez criassem confusão: alguém poderia achar que os seqüestradores estavam mascarados de Freddie Kruger.

Mascarar-se de alguém é sempre uma tentativa de impor medo ou respeito. Se está a fim de esconder o próprio rosto atrás do rosto de outra pessoa, o sujeito fatalmente escolherá a máscara de alguém influente, poderoso ou temido. É por isso que, atual-

mente, ninguém se daria ao trabalho de mascarar-se de Brizola, Quércia ou Maluf, exceto para fins humorísticos. E, se quiser mascarar-se de Sarney, será melhor que encomende uma máscara mortuária.

Aliás, o risco de não ter sua máscara levada a sério é permanente para qualquer personalidade. Supondo que os fiscais da Sunab se mascarassem de Fernando Henri-

que nas suas incursões pelos supermercados, qual seria a reação dos empregados com suas pistolas de remarcar preços? Tratariam os fiscais mascarados a rapapés, serviriam-lhes cafezinho e água gelada e, assim que eles virassem as costas, voltariam a acionar imediatamente as pistolas.

Às vezes pensa-se que o sujeito está mascarado de outra pessoa e, vai-se ver, é o sujeito

usando a própria cara. O ex-presidente Collor, por exemplo, se auto-exumou há alguns dias com ataques ao seu sucessor. Embora esse sucessor seja apenas o Itamar, as declarações não podiam ter tido pior remetente. Se Collor fosse realmente esperto, continuaria encarcerado em sua biblioteca, jogando paciência no Windows, e ninguém lhe arrancaria uma palavra. Mas, como ainda se acredita que Collor é esper-

to, supôs-se que fosse alguém (talvez Roberto Jefferson, 33 quilos a menos) usando uma máscara de Collor. Só então se descobriu que o falastrão era o próprio Collor... usando uma máscara de Collor.

Quando Hebe Camargo disparou sua metralhadora contra os deputados e senadores há alguns dias, houve quem pensasse que, na verdade, tratava-se de Lula, surpreendentemente mascarado de Hebe. A retórica, pelo menos, era parecida: o Congresso é um ninho de picaretas e vagabundos. A reação corporativista foi rápida no gatilho: o deputado Inocêncio de Oliveira (usando uma máscara de Inocêncio de Oliveira) saiu em defesa de seus presididos e ameaçou processar a apresentadora. Foi quando se soube que não era Lula usando uma máscara de Hebe, mas a própria e querida Hebe — porque ela correu a justificar-se, dizendo que não queria atingir o Congresso como instituição. Uma cortesia que Lula ainda não se lembrou de fazer.

Pensando bem, não seria má idéia uma lei que obrigasse certas figuras — entre políticos, tecnocratas, militares, empresários, sindicalistas — a só aparecer em público de máscara. *Qualquer* máscara. Se não fizer nenhuma alteração na ética, pelo menos será uma refrescante contribuição à estética.

**E se foi
Lula quem
se mascarou
de Hebe para
chamar os
políticos de
vagabundos?**